

AQUI COMEÇA A OBRA DE LEON BATTISTA ALBERTI SOBRE A ARTE DA EDIFICAÇÃO¹. LEGE FELICITER.

Muitas e variadas artes que ajudam a tornar o curso da nossa vida mais agradável e alegre nos foram dadas pelos nossos ancestrais, que as adquiriram com muito esforço e cuidado². Todas elas parecem concorrer para o mesmo fim: o maior uso possível para a humanidade. Mas percebemos que cada uma delas tem alguma propriedade essencial, que indica sua vantagem específica em relação às outras, pois somos forçados a praticar algumas dessas artes por necessidade, enquanto outras são recomendáveis pela sua utilidade, e ainda outras são apreciadas por lidarem com assuntos agradáveis de conhecer. Não preciso especificar essas artes: é óbvio quais são. No entanto, se você refletir a respeito, não encontrará nenhuma entre essas importantes artes que não tenha buscado e considerado seus próprios fins particulares, excluindo tudo o mais. Se, mesmo assim, você encontrar alguma que não se tenha mostrado inteiramente indispensável e, além disso, capaz de unir uso com prazer e honra, penso que não poderá omitir a arquitetura nessa categoria: a arquitetura, se você pensar na questão cuidadosamente, dá conforto e o maior prazer, tanto para a humanidade, quanto para o indivíduo e a comunidade; e ela não está em último lugar entre as mais honrosas das artes.

Antes de prosseguir, todavia, devo explicar exatamente a quem me refiro como um arquiteto; pois não é nenhum carpinteiro que quero comparar aos grandes expoentes de outras disciplinas: o carpinteiro não é senão um instrumento na mão do arquiteto.³ Considero arquiteto aquele que, com razão certa e maravilhosa e com método, sabe tanto planejar pela sua própria mente e energia quanto realizar pela construção o que mais belamente pode se adequar às necessidades mais nobres do homem, por meio do movimento das

¹ Alberti usa a expressão *res aedificatoria*, das coisas da construção, em contraste proposital com o uso do neologismo grego *architectura* por Vitrúvius; Alberti tem a intenção clara de que seu tratado ao mesmo tempo complementa e ultrapasse a obra de Vitruvius. [...] *Lege Feliciter* se traduz literalmente por “feliz leitura”.

² Isso contrasta deliberadamente com a abertura do tratado de Vitruvius [“A ciência do arquitecto é ornada de muitas disciplinas e de vários saberes, estando a sua dinâmica presente em todas as obras oriundas do restante das artes.” Vitruvius. *De Architectura*. 1.1.1] O termo arte é usado aqui no sentido mais amplo, incluindo todos os ramos de ofícios e habilidades.

³ Alberti refuta a etimologia popular da palavra “arquiteto”: embora ela seja de fato de origem grega, significando “mestre construtor”, a tradição medieval rezava que ela teria sido derivada das palavras latinas *archus* e *tectum*; o arquiteto era assim associado ao carpinteiro, ao construtor de telhados. Cf. Rykwert, “On the Oral Transmission of Architectural Theory”. Essa definição pode ser encontrada em Johannes Balbus, *Catholicon*. Ver também Cicero, *Brutus* 73. 257.

cargas e da união das massas em corpos. Para fazer isso, ele precisa ter entendimento e conhecimento de todas as mais elevadas e nobres disciplinas.⁴ Esse, então, é o arquiteto. Mas retornemos à discussão.

Alguns disseram que o fogo e a água teriam sido inicialmente responsáveis por unir os homens em comunidades⁵, mas nós, considerando o quanto um teto e paredes são úteis e até indispensáveis para os homens, estamos convencidos de que foram eles que uniram e mantiveram unidos os homens. Estamos em dívida com o arquiteto não somente por ele prover esse refúgio seguro do calor do sol e do frio do inverno (o que, por si mesmo, não é um benefício pequeno), mas também por suas muitas outras inovações, úteis tanto para os indivíduos quanto para o público, que tantas vezes satisfizeram tão bem as necessidades cotidianas.

Quantas famílias respeitadas na nossa própria cidade e em outras pelo mundo afora teriam desaparecido completamente, sucumbido a alguma adversidade temporária, se o fogo familiar não as tivesse ancorado, recebendo-as como que no próprio seio de seus ancestrais?⁶ Dédalo recebeu muito louvor de seus contemporâneos por ter construído uma abóbada em Selinunte⁷ da qual uma nuvem de vapor emanava tão cálida e suavemente que causava a mais agradável transpiração e curava o corpo de uma maneira extremamente aprazível. E as outras coisas? Como eu poderia enumerar as invenções - caminhos, piscinas, banhos e assim por diante - que ajudam a nos manter saudáveis? Ou mesmo os veículos, moinhos relógios e outras invenções menores, que mesmo assim têm um papel tão vital nas nossas vidas cotidianas? E os métodos para içar enormes quantidades de água de profundezas ocultas para tantos propósitos diferentes e essenciais? E os memoriais, relicários, santuários, templos e coisas semelhantes desenhadas pelos arquitetos para a veneração divina e para o benefício da posteridade? Finalmente, será que preciso acentuar como, cortando a pedra, criando túneis em montanhas ou preenchendo vales, retendo as águas do mar e dos lagos e drenando pântanos, construindo navios, alterando o curso e dragando a foz de rios, construindo portos e pontes, o arquiteto não somente atendeu às necessidades momentâneas do homem, mas também abriu novos caminhos para todas as províncias do mundo? Em consequência disso, todas as nações têm sido capazes de servir umas às outras, trocando frutas, especiarias, jóias, experiência e conhecimento, de fato qualquer coisa que melhore nossa saúde e nosso padrão de vida.

Você também não deve se esquecer dos engenhos balísticos e das máquinas de guerra, das fortalezas e do que mais possa ter servido para proteger e fortalecer a liberdade de nosso país e a bondade e a honra do

⁴ Ver Vitruvius 1.1.3 - II; o tema é detalhado em Alberti 9.9 - II.

⁵ Novamente Alberti contrasta a sua opinião com a de Vitruvius (2.1.2) sobre o fogo como a origem da sociedade.

⁶ Alberti alude à experiência de sua própria família, exilada de Florença entre 1401 e 1428 e restituída de seus plenos direitos de cidadania apenas em 1434.

⁷ Selinunte é uma cidade na costa sudoeste da Sicília. O lendário Dédalo, considerado o construtor do labirinto de Cnossos e um dos fundadores da arquitetura, teria fugido de Cnossos para Selinunte. Alberti provavelmente está citando Diodorus Siculus 4.78.

Estado para ampliar e reafirmar seu domínio. Além disso, é minha opinião⁸ que, se você perguntar às várias cidades que na memória da humanidade caíram em mãos inimigas por estarem sitiadas e indagar quem as derrotou e as conquistou, não negarão que foi o arquiteto, e que teriam desprezado tranquilamente um inimigo apenas munido de armas, mas não puderam resistir ao poder da invenção, à magnitude das máquinas de guerra e à força dos engenhos balísticos com os quais o arquiteto os atormenou, oprimiu e subjugou. Por outro lado, os sitiados não considerariam nenhuma proteção melhor do que a engenhosidade e a habilidade do arquiteto. Se você examinar as várias campanhas militares empreendidas, talvez descubra que a destreza e a habilidade do arquiteto foram responsáveis por mais vitórias do que o comando e a presciência⁹ de qualquer general; e que os inimigos foram mais frequentemente vencidos pela engenhosidade do primeiro sem as armas do segundo, do que pela espada do segundo sem as boas recomendações do primeiro. E, o mais importante, o arquiteto conquista sua vitória com apenas um punhado de homens e sem perder vidas. Até aqui, sobre a utilidade da arquitetura.

O quanto o desejo pela construção e o pensamento a ela dedicado devem ser congeniais e instintivos para nossas mentes é evidente - você nunca encontrará ninguém que não esteja ávido para construir algo, tão logo tenha os meios para fazê-lo; nem tampouco existe alguém que, fazendo alguma descoberta na arte da construção, não ofereceria e difundiria seu conselho pronta e alegremente para uso geral,¹⁰ como se fosse compelido a fazer isso por natureza. Frequentemente, nós mesmos, embora ocupados com coisas inteiramente diferentes, não conseguimos impedir nossas mentes e nossa imaginação de projetar um ou outro edifício. Ou, ainda, quando vemos a construção de uma outra pessoa, imediatamente a olhamos e comparamos as medidas singulares, e, segundo nossas melhores habilidades, consideramos o que poderia ser tirado, acrescentado ou alterado para torná-la mais elegante,¹¹ e prontamente damos nosso conselho. Mas se foi bem desenhada e executada com propriedade, quem não a olharia com grande prazer e contento? Preciso mencionar aqui não somente a satisfação, o deleite, mas a honra que a arquitetura trouxe para os cidadãos na pátria e no estrangeiro? Quem não se vangloriaria por ter construído alguma coisa? Nós nos orgulhamos até mesmo quando as casas em que moramos são construídas com um pouco mais de cuidado e atenção do que o usual. Se você ergue um muro ou pórtico de grande elegância e o adorna com uma porta, uma coluna ou um telhado, os bons cidadãos o aprovam e expressam contentamento por si mesmos e por

⁸ Alberti, em parte, repete Vitrúvius 10.16.12.

⁹ Consultar profecias (auspícios) constituía uma parte essencial da vida entre os romanos. A relação entre *imperium* e *auspicium* (o direito de tirar profecias do voo dos pássaros) era um dos elementos essenciais do comando militar romano. [...]

¹⁰ Cf. Vitrúvius 2.1.3.

¹¹ A definição de Alberti do belo como aquela composição harmoniosa e proporcional da qual nada pode ser tirado ou acrescentado senão para pior está em 6.2. As palavras ecoam a descrição de Cícero da perfeição do corpo humano (*De or.* 3. 45. 179). Alberti compara a edificação ao corpo humano ao longo de todo o seu livro.

você, porque percebem que você usou sua prosperidade para aumentar muito não só sua própria honra e glória, mas também a de sua família, de seus descendentes e da cidade inteira.¹²

A ilha de Creta foi muito celebrada pela tumba de Júpiter,¹³ Delos foi mais reverenciada pela beleza de suas cidades e pela grandiosidade de seus templos do que pela fama do oráculo de Apolo. Quanto à autoridade imperial e à fama que os latinos obtiveram pelas suas construções, preciso mencionar apenas as várias tumbas e outras ruínas de glórias passadas ainda visíveis em toda parte, que nos ensinaram a aceitar muito da tradição histórica que, de outro modo, pareceria menos convincente. É claro que Tucídides fez bem em louvar os antigos que tiveram a visão de adornar suas cidades com uma variedade tão rica de edifícios a ponto de dar a impressão de terem muito mais poder do que de fato tinham.¹⁴ Houve algum dentre os maiores e mais sábios príncipes que não tenha considerado a construção um dos principais meios de preservar seu nome para a posteridade? Mas basta desse assunto.

Para concluir, então, deve ser dito que a segurança, a dignidade e a honra da república dependem em grande parte do arquiteto: é ele o responsável por nosso deleite, entretenimento e saúde no lazer, e por nosso lucro e vantagem no trabalho, e, em resumo, pelo fato de vivermos de uma maneira digna, livres de qualquer perigo. Em vista do deleite e da maravilhosa graça de suas obras e do quanto se mostraram indispensáveis, e em vista do benefício e da conveniência de suas invenções e seu serviço para a posteridade, ele deve sem dúvida ser objeto de louvor e respeito, e deve ser contado entre os que mais merecem a honra e o reconhecimento da humanidade.¹⁵

Cientes disso, empreendemos, para o nosso próprio prazer, investigar mais profundamente sua arte e seu negócio, assim como os princípios dos quais são derivados e as partes das quais se compõem e se definem. Descobrimos que são muito diversos em tipo, (quase) infinitos em número, admiráveis em natureza e maravilhosamente úteis, me perguntei que condição humana, que parte do Estado, que classe de cidadãos deveriam mais ao arquiteto, já que ele é responsável por todo conforto: seria o príncipe ou o cidadão privado, instituições religiosas ou seculares, negócio ou lazer, ou indivíduos em oposição à humanidade como um todo? Assim decidimos, por muitas razões longas demais para serem expostas aqui, colecioná-los e depositá-los nesses dez livros.

¹² A noção de que, patrocinando um belo edifício, um cidadão não estaria apenas demonstrando riqueza privada mas também cumprindo seu dever cívico era amplamente aceita na primeira metade do século XV. Ver G. Befani Canfield in Zeri, *Scritti di storia dell'arte*.

¹³ Serv. *In Virg.*; *as Aen.* 8. 180; Solinus 11.7.

¹⁴ Tucídides 1.10.2.

¹⁵ A intenção de Alberti é colocar a arquitetura firmemente entre as artes liberais.

Eles serão abordados nessa ordem:¹⁶ primeiro observamos que o edifício é um tipo de corpo que, como qualquer outro, consiste em delineamento e matéria, um sendo produto do pensamento e outro produto da natureza; um requerendo a mente e o poder da razão, o outro dependendo de preparo e seleção; mas nos damos conta de que nem um nem outro seria suficiente sem a mão do trabalhador habilidoso para moldar o material de acordo com o delineamento. Uma vez que construções são feitas para diferentes usos, tornou-se necessário investigar se o mesmo tipo de delineamento poderia ser usado para vários deles; por isso distinguimos os vários tipos de construções e notamos a importância da conexão de suas linhas e da relação entre elas como a principal fonte de beleza; começamos por isso a investigar mais profundamente a natureza da beleza - de que tipo deve ser e o que é apropriado em cada caso. Como em todas essas matérias ocasionalmente há falhas, investigamos como amenizá-las e corrigi-las.

A cada livro foi dado, então, um título de acordo com os seus diversos conteúdos, tal como se segue: livro 1, Delineamento; livro 2, Materiais; livro 3, Construção; livro 4, Obras Públicas; livro 5, Obras Particulares; livro 6, Ornamento; livro 7, Ornamento para Edifícios Sagrados; livro 8, Ornamento para Edifícios Públicos Seculares; livro 9, Ornamento para Edifícios Privados; livro 10, Restauro de Edifícios. São apêndices: O Navio, Economia, Aritmética e Geometria, e O Serviço que o Arquiteto Provê.¹⁷

¹⁶ A clareza estrutural do tratado de Alberti está em forte contraste com a desorganização da obra de Vitruvius, não obstante o fato de ele afirmar ter seguido uma ordem lógica (2.1.8).

¹⁷ Esses últimos quatro apêndices foram perdidos, embora sejam feitas referências ao primeiro e ao terceiro (5.12 e 3.2). Orlandi questiona o título do quarto e o corrige para "O que pode auxiliar o arquiteto no seu trabalho".